

POR UMA RUPTURA DO PROCESSO CÍCLICO DA HISTÓRIA: UMA LEITURA DE "EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ"

Jean Custódio de LIMA (1); Vicente J. SOBREIRA JUNIOR (2); Anderson Ibsen Lopes de SOUZA (3).

(1) IFCE- Campus Fortaleza, e-mail: jeanclima@terra.com.br

(2) IFCE- Campus Cedro, e-mail: sobreirajr@bol.com.br

(3) IFCE- Campus Crato, e-mail: andilopes1@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo trará algumas considerações sobre o texto *Educação após Auschwitz* [1947], de Theodor W. Adorno, analisando a teoria adorniana sobre a perversão nazista nos campos de concentração na Alemanha, que, segundo ele, poderia ter sido evitada caso tivesse sido feita uma reflexão profunda dos porquês dos precedentes da Segunda Guerra Mundial. Tendo como ponto de partida a reflexão de *si* para compreender a consciência do *outro*, Adorno sugere a educação voltada para um formato ético-humanístico, criticando o formato atual da lógica burguesa tecnicista, na qual a razão é superior à emoção. A educação, por seu turno, está inserida nesse contexto como um mecanismo imprescindível para a ruptura do processo histórico cíclico. Mas, como harmonizar a consciência de *si* com a consciência do *outro*? Como criar valores universais que respeitem a vida e sejam postos em prática? Apresentaremos uma abordagem sobre o repensar da educação como impedimento do retorno da barbárie de Auschwitz, mas, não como uma simples reflexão da tragédia, e sim, tomando essa mesma ocorrência funesta como ideia basilar para os moldes educacionais, alinhando a concepção adorniana a uma corrente psicossocial e filosófica sobre a educação.

Palavras-chave: Educação. Emancipação. Barbárie.

1. Introdução

Compreendendo o tema abordado como um assunto ainda não superado (mesmo existindo muitos trabalhos acerca do mesmo), e que necessita de um enfoque mais enfático, é que se intenta neste artigo analisar o texto *Educação após Auschwitz*¹, de Theodor W. Adorno [1947], investigando a teoria adorniana sobre a perversão nazista nos campos de concentração na Alemanha, que, segundo ele, poderia ter sido evitada se tivesse sido feita uma reflexão profunda dos porquês dos precedentes da Segunda Guerra Mundial.

Tendo como ponto partida a reflexão de *si* para compreender a consciência do *outro* no contexto da educação, Adorno sugere a educação voltada para um formato ético-humanístico, criticando o formato atual, da lógica burguesa tecnicista, onde a razão é superior à emoção. Para ele, é de fundamental importância o homem ter o domínio de seus meios de sobrevivência de forma consciente. E a educação está inserida nesse contexto, como um mecanismo imprescindível para a ruptura do processo histórico cíclico. No entanto, como harmonizar a consciência de *si* com a consciência do *outro*? Como criar valores universais que respeitem a vida e sejam postos em prática? São algumas indagações que serão levantadas com base no pensamento de Adorno em *Educação após Auschwitz*.

¹ ADORNO, W. Theodor. **Sociologia**. Org. Gabriel Conh. Tr. br. Flávio R. Kothe, Aldo Onesti e Amélia Conh. 2ª edição. São Paulo, SP: Ática, 1994. (Doravante, citado entre parênteses no corpo de texto por Sociologia, seguido dos números de páginas).

2. Educação enquanto reflexão de si para consciência do outro

Em *Educação após Auschwitz*, Adorno aborda uma reflexão fundada no comportamento dos executores das atrocidades ocorridas nos campos de concentração nazistas na Alemanha, tendo como ponto de partida o estudo dos mecanismos pelos quais se desenvolvem tais manifestações nos indivíduos cumpridores das ordens do Terceiro Reich em Auschwitz², abordando sobre uma educação liberta de qualquer forma opressiva e inumana de viver, visando a não-repetição de fatos como o Holocausto.

Mesmo com a complexidade de vários conceitos apresentados por Adorno, a sua abordagem sobre a educação como uma construção capaz de desbarbarizar povos, é tematizada sob o âmbito de uma ética que busca o conhecimento da natureza humana, ou melhor, a gênese da perversão do comportamento do homem, inclinando seu pensamento para uma fundamentação de uma norma ética e os valores que devem orientar a vida individual e coletiva. No entanto, como unir sua teoria ético-humanística a um processo prático racionalista, no qual as subjetividades são descartadas? Como formar pessoas capazes de desenvolver uma sociedade fundada na reflexão de *si* e do *outro*, em que o valor primordial é norteador de todo o movimento, o respeito à vida, seja preservado, se a lógica de funcionamento da mesma é a *coisificação*?

Logo nas primeiras linhas do texto, Adorno já deixa subentendido o que será pautado em seus argumentos, discorrendo sobre o repensar da educação como impedimento do retorno à barbárie de Auschwitz, não visando realizar uma simples e pura história sobre assassinos e vítimas, e sim tomando a reflexão profunda dessa tragédia como ponto basilar para os moldes educacionais. De acordo com o frankfurtiano³, *"para a educação a exigência que Auschwitz não se repita é primordial. Precede de tal modo quaisquer outros, que creio, não devam e nem precise ser justificada."* (Sociologia, p. 33)

Para Adorno, a forma da educação pertinente em seu tempo subestimava o indescritível atentado à humanidade havido na Segunda Guerra Mundial e seus precedentes, *"Sintoma esse de que subsiste a possibilidade da reincidência, no que diz respeito ao estado de consciência e inconsciência dos homens"* (ADORNO, p.33). De acordo com ele, na lógica educacional vivida, há uma falta de aprofundamento sobre o porquê do comportamento sádico dos causadores de destruição da humanidade, e devido a essa carência, o esquecimento do processo histórico é mais fácil, e essa "forçosa" perda de memória deixa um grande vácuo, capaz de ser preenchido com o retorno da barbárie. Observando a evolução educacional no mundo, percebemos que, quase sempre, os grupos de poder "têm mais condições para traçar diretrizes ou criar estruturas globais" de ensino, manipulando o conhecimento que deve ser repassado ao povo (ROMANELLI, 2003, p. 30), o que explica o fato de algumas informações relevantes serem suprimidas, pois caso não o fossem, talvez

² O ocorrido de Auschwitz foi um dos fatos mais marcantes na história da humanidade. Theodor W. Adorno aborda uma questão essencial para entender o passado cíclico-histórico referente ao Holocausto na Alemanha Nazista. Em *"Educação após Auschwitz"*, sugere que as condições sociais objetivas que jogaram a humanidade à barbárie já são a barbárie. A "educação contra a barbárie" exige uma crítica radical dessas mediações objetivas e subjetivas pressupostas, que segundo nossa compreensão, apontam para o caráter fetichista da sociedade da mercadoria baseada no trabalho abstrato – o que, na verdade, é muito concreto.

³ Refiro-me a Adorno dessa forma por ele fazer parte juntamente com grandes pensadores, como Horkheimer, Marcuse, Benjamin e outros, da Escola de Frankfurt na Alemanha. Surgida na década de 20, com a Fundação do Instituto de Pesquisa Social (1923), idealizada pelo cientista político teuto-argentino Felix Weil (1898-1975). Em 1924 suas instalações foram oficialmente inauguradas na cidade universitária de Frankfurt - Alemanha. A influência do pensamento marxista nessa escola se vê desde sua fundação, visto que, de início essa, deveria chamar-se Instituto para o Marxismo, com a idéia de institucionalizar um grupo de pesquisa dedicado à teorização dos movimentos operários na Europa. Sob a direção de Horkheimer, a orientação do Instituto mudou substancialmente, ultrapassando a investigação documentarista de tradição marxista para abarcar uma análise crítica dos problemas decorrentes do capitalismo moderno.

grandes personalidades (em especial as políticas) ficassem sem o apoio da massa populacional, se esta fosse posta a par da verdadeira história.

Adorno afirma não haver como pensar em modelos educacionais fora da ideia humanística, e qualquer debate visando soluções para educação não pode ser continuado sem a reflexão sobre a não-repetição de Auschwitz. De acordo com ele, “*todo o debate sobre parâmetros educacionais é nulo e indiferente em fase deste - que Auschwitz não se repita*” (Sociologia, p. 33). Assim sendo, acreditamos que enquanto perdurarem as mesmas condições favoráveis à barbárie, viveremos sempre sobre a iminência de novos massacres humanos.

3. A ciclicidade histórica

Quando Adorno se refere à problemática do Holocausto, não pretende abordá-la de forma isolada, visando apenas o cotidiano catastrófico no interior de Auschwitz, mas o apresenta como arquétipo de barbárie, que surge contraditoriamente no âmago da civilização adornada por racionalidade e em seu estágio cultural mais evoluído. Eventos análogos, como a morte de um milhão de armênios pelos turcos, estão incluídos na questão, entre outros. De acordo com ele:

Já na primeira Guerra Mundial os turcos – o assim chamado movimento turco jovem dirigido por Enver Pascha e Talaat Pascha – mandaram assassinar mais de um milhão de armênios. Importantes quadros militares e governamentais, embora, ao que tudo indica, soubessem do ocorrido, guardaram sigilo restrito. O genocídio tem suas raízes naquela ressurreição do nacionalismo agressor que vicejou em muitos países a partir do fim do século XIX. (Sociologia, p.120)

Nesse ponto verifica-se o porquê da crítica adorniana, pois apresenta o fator histórico como processo cíclico, em que ocorrências genocidas movidas por sentimentos sádicos retornam com outros personagens, mas com as mesmas consequências calamitosas para a humanidade. Se não, basta atentar para a contemporaneidade. Por exemplo: as diversas guerras entre etnias e ideologias diferentes, como em Kosovo; crimes cometidos contra albaneses em “defesa da paz”, no Iraque; o assassinato de vários curdos, na África, assim como em Ruanda e Serra Leoa; entre outras agressões – a grande maioria com características autocráticas, com um nacionalismo exacerbado, não sob o formato apenas de nação, mas também ligado à ideologia de grupos. É mostrando a relevância contemporânea de certos fatos históricos que Sérgio Paulo Rouanet, grande crítico da atualidade, expõe o pensamento de Adorno sobre a crise da modernidade em seu *As razões do iluminismo* (2004), afirmando que “não devemos hesitar em convocar o passado para depor no processo que o futuro move contra o presente” (p. 36).

O ponto de vista adorniano consegue ultrapassar a “fronteira da ideia”. A sua discussão teórica coaduna-se com a prática, onde parte de uma questão empírica para a reflexiva e por meio desse movimento de conscientização desenvolve sua Teoria Crítica Social. Porém, é pertinente uma questão: qual o modelo da educação que realmente conseguiria remeter ao intelecto do indivíduo o sentido de prevenção para a não-repetição de Auschwitz? Existe algum método eficaz? Qual ou quais? Seu pensamento parece nos levar para o caminho de uma utopia; no entanto, ele talvez seja necessário na aproximação do essencial. Adorno indica caminhos para os cuidados com a formação na educação. De acordo com ele:

Se falo da educação após Auschwitz, tenho em mente dois aspectos: primeiro, a educação infantil, sobretudo na primeira infância; depois, o esclarecimento geral, criando um clima espiritual, cultural e social que não dê margem a uma repetição; um clima, portanto, em que os motivos que levaram ao horror se tornem conscientes, na medida do possível (Sociologia, p. 36)

Então, deve-se compreender o processo cíclico da história, mas é fundamental o "retorno para o sujeito" após a compreensão histórica, prepará-lo de forma profilática para que seja evitado um provável retorno de Auschwitz. Portanto, conhecemos os acontecimentos e não compreendemos o porquê deles de forma intrínseca. Precisa-se cuidar primeiro da mente para depois educá-lo culturalmente.

Adorno não intenta criar nenhuma metodologia que esboce um novo projeto educacional, e sim, apresenta pontos sintomáticos mais intensos, que justamente por isso necessitam de maior aprofundamento. Levanta a ideia de uma reflexão profunda sobre o ser humano enquanto consciência de si e consciência do outro. Para ele, mesmo o processo cíclico da história sendo uma questão social, não descarta a importância de uma preparação psicológica do indivíduo para exercer sua liberdade. A respeito disso, o frankfurtiano afirma:

Antes, é de supor-se que o fascismo e o horror que espalhou devem-se ao fato de que, embora as antigas autoridades constituídas do Império, já em plena decadência, houvessem sido derrubadas, os homens ainda não estavam psicologicamente preparados para a autodeterminação (Sociologia, p. 36)

Desmoronaram-se impérios, destituíram-se tiranos, mas a consciência continuava prisioneira de algo que a tornava incapaz de exercer sua plena liberdade, suscetível ao retorno de novas tiranias, preservando um ambiente propício para o regresso da barbárie – se é que algum dia saiu dela. Eis, portanto, a necessidade da ruptura com a tradição, onde preventivamente devem ser criados mecanismos na educação capazes de quebrar o círculo da História.

Adorno cita a educação como um meio preponderante para a reflexão em diversos pontos latentes no sujeito, revelados de forma desordenada sob o âmbito da vida social, originando comportamentos violentos entre indivíduos de diversos segmentos da sociedade. Para ele, a principal tarefa da educação seria evitar um novo Auschwitz. Porém, esse Império “Nazístico” também é símbolo da concepção moderna do viver civilizado, em que predomina o mundo da técnica. Então: Auschwitz seria barbárie extremada, ou progresso alcançado no mundo da civilização? Já que existe essa ambigüidade, não se pode combater apenas um lado da contradição, visto que, *"se já no próprio princípio da civilização está implícita a barbárie, então repeti-la tem algo de desesperador"*⁴ (Sociologia, pp. 33/34).

Então, como evitar vestígios de uma barbárie num ambiente civilizatório se a afirmação disso é o seu contrário? Como desenvolver o humanismo em um mundo intensamente técnico? Como tornar pleno o exercício ético-humanístico dentro do capitalismo, em que “progresso e retrocesso são progresso/retrocesso”, os quais coexistem de forma interdependente, em que o desenvolvimento da técnica sobrepõe-se diante do homem?

O racionalismo técnico, atualmente mais do que nunca, chegou a seu ápice; a *coisificação* das relações sociais dos homens está mais impetuosa; pessoas se apresentam como verdadeiros *zumbis*, onde cada qual pensa em sua sobrevivência esquecendo a sociabilidade como princípio do bem viver da coletividade. E como há uma intrínseca relação entre a educação e sociedade, surge a essencial necessidade de repensá-la, visando um profundo debate sobre os nossos valores.

Para Adorno, enquanto insistirem na permanência das mesmas formas de educação, voltadas para o racionalismo tecnicista (ou um devaneio construtivista numa forma social emoldurada por uma estrutura capitalista ou por um socialismo burocrático), onde as emoções

⁴ Tal percepção Adorno retirou do pensamento de Freud ao analisar os textos sobre o *"Mal-Estar na Cultura e a Psicologia das massas e análise do ego"*, onde afirma que a civilização produz a anticivilização.

devem ser submetidas à razão, e o indivíduo deve ter a obrigação de suportar a dor para se alcançar a perfeição, e, portanto, apresentando as mesmas condições essenciais para o Holocausto em Auschwitz, a humanidade não conseguirá emancipar-se da constante e perigosa ameaça da barbárie. Para ele:

As raízes têm de ser procuradas nos perseguidores, não nas vítimas que, sob os mais mesquinhos pretextos, foram entregues aos assassinos. Torna-se necessário o que, sob este prisma, já denominei "volta ao sujeito". Deve-se conhecer os mecanismos que tornam os homens assim, que os tornam capazes de tais atos. Deve-se mostrar esses mecanismos a eles mesmos e evitar que eles se tornem assim novamente, enquanto se promove uma conscientização geral desses mecanismos. (Sociologia, pp. 34/ 35)

Adorno vai além do processo sócio-educativo; sugere analisar o sujeito a partir da reflexão interior, buscando a raiz do comportamento inumano dos causadores dos sofrimentos físico e moral, e não nas vítimas, direcionando, assim, a educação para uma auto-reflexão crítica. De acordo com ele:

Não são os assassinos os culpados, nem sequer no sentido sofisticado e caricato que atualmente alguns ainda gostariam de construir. Culpados são somente aqueles que, fora de si, deram neles vazão ao seu ódio e à sua fúria agressiva. Devemos trabalhar contra essa inconsciência, deve os homens ser dissuadidos de carentes de reflexão sobre si mesmos, ataquem os outros. A educação só teria pleno sentido como educação para auto-reflexão (Sociologia, p. 35).

A educação que importa, portanto, é a que produz a auto-reflexão crítica – crítica a ponto de perceber as armadilhas da modernidade, pois aprender “é construir, reconstruir, constatar para mudar” (FREIRE, 1997: 77).

Surge um ponto de grande relevância no pensamento adorniano, talvez a questão exigente de uma maior atenção por parte do leitor, que é a educação enquanto um processo de reflexão de si e crítica do sujeito, fundada no corpo teórico psicanalítico, cuja formação do caráter acontece na primeira infância⁵ em que Adorno enfatiza a importância do estágio freudiano⁶. Para ele:

A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo o caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. (Sociologia, p. 34)

⁵ Referente à primeira infância apresentada por Freud que vai até os três anos de idade aproximadamente, que corresponde à fase oral e anal, no entanto, ele não afirma a teoria sexual freudiana, e sim, aborda tal ponto sob o aspecto do suprimimento de algumas carências existentes nessa fase como necessárias para a formação da personalidade do indivíduo.

⁶ Freud afirmou que o comportamento humano é orientado pelo impulso sexual, que ele chamou de libido, palavra latina, feminina, que significa prazer. Esse impulso já se manifesta no bebê com beijos, carícias, olhares e etc. Para Freud, se as necessidades forem satisfeitas, a pessoa crescerá de maneira psicologicamente saudável; se não o forem, seu ego será imperfeito. Gerando assim os comportamentos agressivos, cheios de frustrações.

Adorno entende a fase da infância como um estágio preponderante na construção da personalidade, compreendendo esse momento, permeado por entrelaces entre as potencialidades do agir segundo a própria determinação e da coação, da faculdade de se governar por si mesmo e da heteronímia⁷, como um espaço de opções possíveis socialmente, no qual:

...combina-se com a análise crítica da infantilização, da regressão imposta por esquemas culturais dominantes, como ele [Adorno], busca mostrar, por exemplo - em um outro texto - no caso da música popular comercializada... Trata-se de captar dimensões da dialética da infância/ maturidade. No intrincado jogo entre a espontânea disponibilidade infantil e as injunções do mundo adulto, por um lado, e a maturidade adulta e a infantilização, pelo outro, desenha-se a teia que une o progresso à regressão. (Sociologia, p. 26)

Mesmo Adorno tendo apresentado uma questão intrínseca ao ser, a qual seria necessária uma abordagem singular, envolvendo mais do que uma concepção psicológica do "eu", buscando uma "regressão" à infância, deixa claro que não é apenas sob esse aspecto que se dará a formação de um novo homem⁸; a questão não é somente discutir a reflexão de si. Para ele, é também preciso uma transformação cultural do indivíduo, o desenvolvimento de um clima intelectual que impossibilite a repetição de Auschwitz, pois que, como diria Batista Mondin, “a educação transmite à pessoa os valores culturais elaborados pela humanidade, no decurso das gerações, transformando um ser inculto num ser que pode contribuir para o progresso da civilização na qual nasceu” (MONDIN: 1987, p. 109). Sobre esse ponto, Adorno diz:

Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância, e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição, portanto, um clima em que motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. (ADORNO, pp. 35/36)

4. Conclusão

Adorno apresenta suas ideias nesse texto acerca da sociedade antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, partindo de uma tentativa de compreensão fundada na filosofia das ciências contemporâneas⁹, voltadas para a compreensão do homem enquanto consciência de si e consciência do outro, tentando dessa forma encontrar um caminho, sem muita esperança para ele, de uma educação ético-humanística do indivíduo visando a sua desbarbarização.

Portanto, nesse artigo a educação é compreendida como um mecanismo fundamental para a transformação da humanidade, e que é imprescindível se fazer uma análise crítica sobre o conceito e modelo atual seguido pelas instituições responsáveis, sempre abrangendo discussões sobre o âmbito da emancipação de qualquer nível de opressão social ou psicológica, para que de fato o princípio primordial da ética humanística seja preservado: o valor à vida.

⁷ Condição da pessoa ou de grupo que receba de um elemento que lhe é exterior ou de um princípio estranho à razão, a lei a que se deve submeter.

⁸ Não no sentido do novo homem marxista que surge no comunismo, mas na concepção do indivíduo, através de lógica de vida livre da alienação e opressão, repensar sua realidade.

⁹ Refiro-me aqui aos conhecimentos da Psicologia enquanto reflexão do ser e o da Sociologia relacionando a discussão das relações sociais na sua totalidade.

Contudo, tendo por base o texto de Adorno e a experiência vivida, é pertinente indagarmos: já que a emancipação é uma exigência fundamental para tal processo de desbarbarização, qual a forma de educação capaz de unir a teoria e a prática, sem nenhuma repressão psicológica ou social, que se desenvolva, no centro das relações entre as pessoas, as capacidades intelectual e física livres de qualquer alienação dentro de uma sociedade capitalista, se o desenvolvimento dessa se dará justamente no progresso da fetichização¹⁰ das relações sociais? Ou melhor, como desenvolver uma cultura humanística numa sociedade totalmente reificada¹¹? Emancipar o homem de sua prisão invisível, mas real, é preciso. Mas como? Essa é a mensagem de Adorno: devemos repensar a forma de nos organizarmos socialmente, cuidar da *psique* e do cultural.

Referências

ADORNO, W. Theodor. **Sociologia**. Org. Gabriel Conh. Tr. br. Flávio R. Kothe, Aldo Onesti e Amélia Conh. 2ª edição. São Paulo, SP: Ática, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MONDIN, Batista. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 28ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 200

¹⁰ Fetichização tem a sua origem na palavra fetichismo, que vem de fetiche, feitiço, que nas práticas religiosas significa objeto a que se atribui um poder sobrenatural; em psicologia, fetichismo é uma perversão na qual a satisfação sexual depende da visão ou contato com um objeto determinado. O paralelo entre esses dois sentidos e o do fetichismo da mercadoria [o referido por Adorno, partindo de uma visão marxista] é que, nos três casos, os objetos inertes, sem vida, são animados, "humanizados"

¹¹ Reificação: O sufixo *rei* é originado do latim *res* que significa coisa. Ficando então *coisificação*, que significa reduzir o ser humano a valores exclusivamente materiais. É a inversão da forma estrutural do real, onde as coisas ganham vida e os homens tornam-se coisas.